

Dever de casa: *estratégia de aprendizagem?*

Flávia Fialho
Pedagoga,
psicóloga,
especialista
em Psicologia
Educativa e em
Terapia Cognitiva
Comportamental
e mestre em
Sociologia da
Educação

Pensar e repensar o cotidiano das nossas escolas e olhar com criticidade para as práticas que sustentam nosso fazer pedagógico podem ser as mais simples e enriquecedoras ações pedagógicas. Apoiada nessa crença, proponho-me a tecer algumas apreciações acerca do tão conhecido *dever de casa*, por alguns chamado de *para casa* ou *tarefas de casa*.

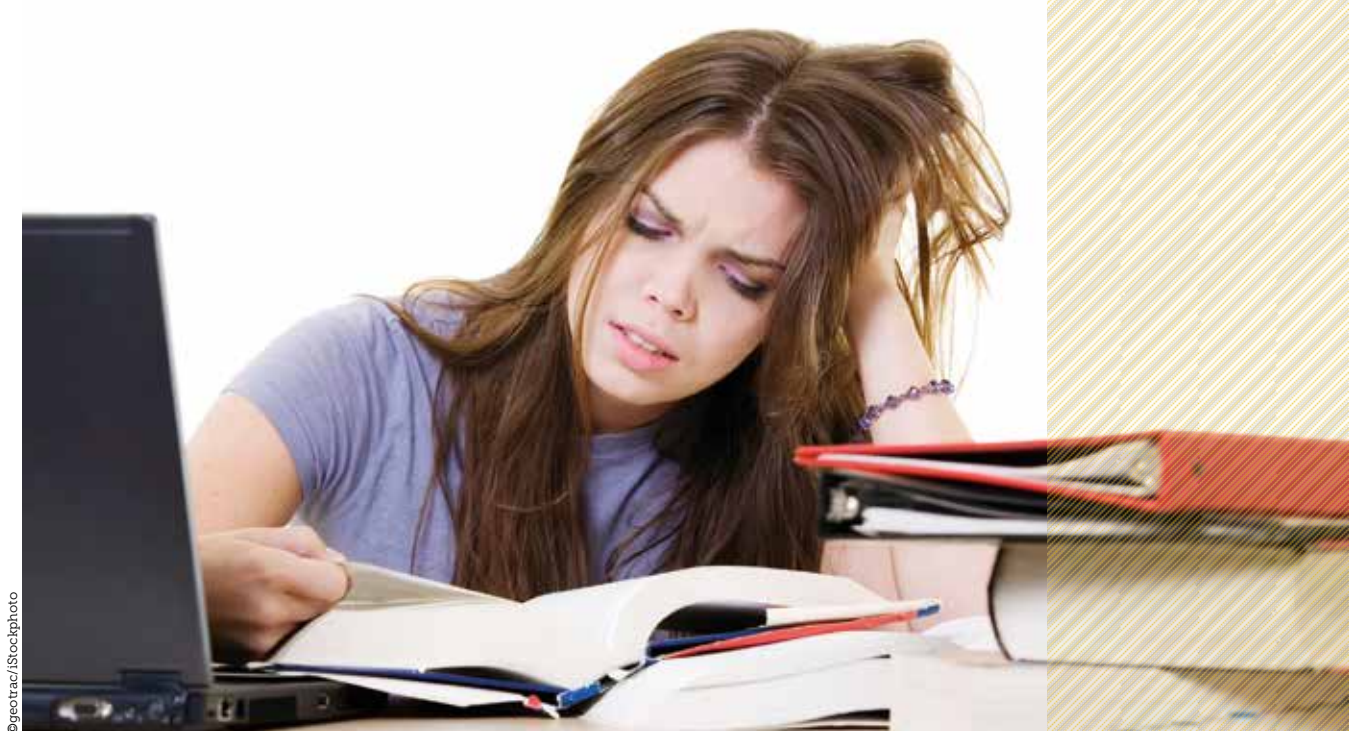
Início minha reflexão tentando entender e decifrar o lugar e o valor que atribuímos aos deveres. Desde muito cedo, nossos alunos estabelecem uma cisão, uma dissociação entre fazer os deveres e estudar. É comum ouvirmos os alunos dizendo: "Fiquei o tempo todo fazendo dever e não sobrou tempo para estudar". "É tanto dever que nunca sobra tempo para os estudos". Quando perguntamos se o aluno estuda diariamente, a maioria responde: "Não. Na maioria dos dias eu faço dever. Estudar mesmo é mais na véspera das provas".

O dever virou uma espécie de mercadoria de troca sem valor para a aprendizagem. Eu entrego meu dever para assegurar os pontos de participação, preservar minha reputação de bom e responsável aluno, para não chatear e comprometer a boa relação com os professores e para fugir das temidas ocorrências e advertências, que implicariam problemas com os pais. Constatamos e

concluimos que o dever tem uma finalidade utilitarista, e cumprir os deveres faz parte das estratégias de *sobrevivência escolar*, não das estratégias de *aprendizagem escolar*.

Seguindo na análise do cotidiano das nossas escolas, verificamos que nossos alunos se preocupam em demasia com as tão temidas provas. Mas o que é uma prova? Uma prova nada mais é que um conjunto de exercícios. O que é o dever de casa? O dever de casa nada mais é que um conjunto de exercícios. Curioso é constatar que, frente aos exercícios dos deveres de casa, o aluno procura fazer o mais rápido possível para "ficar livre". Afinal, o dever é só para o professor ver. É só para constar, apresentar, não perder pontos, ou quem sabe, ganhar uns pontinhos de participação. Não é, realmente, para aprender.

Quando o aluno se depara com uma dificuldade nos deveres, ele, geralmente, diz: "Depois eu copio" ou "Quando o professor resolver eu aprendo e copio". Se a dúvida surge nos deveres, a maioria dos alunos não insiste, persiste ou sente-se desafiado. Eles desistem porque não podem perder tempo. E fazer dever é perda de tempo. Mas na hora da prova, frente a uma dificuldade, eles são persistentes, não desistem, tentam e tentam resolver, não por se preocupar com a aprendizagem, mas porque não



©geotracc/iStockphoto

querem perder os pontos – mais uma vez, uma relação não de aprendizagem, mas de mercado. Eu te dou respostas certas e, em troca, você, professor, me dá os pontos.

Vejamos o outro lado, ou outra forma de compreender a finalidade dos deveres de casa. Todo exercício proposto em sala ou como atividade de casa constitui momento privilegiado de estudos. Durante a realização dos exercícios, o aluno tem a oportunidade de rever o conteúdo trabalhado em sala, fixar e consolidar essa aprendizagem, além de fazer o balanço de possíveis dúvidas. Portanto, o estudante, com a realização dos deveres, consegue fazer o levantamento do que já aprendeu e entendeu plenamente, do que precisa rever ou fazer mais exercícios e ainda tem clareza de quais conteúdos permanecem como grande dúvida. O aluno tem condições de regular e gerenciar seu processo ensino-aprendizagem, ou seja, de ser protagonista, de tomar posse do seu percurso de construção do conhecimento. Um educando só é capaz de sentir-se desafiado a resolver problemas – e todo exercício é um problema cuja resposta precisa ser construída – se tiver asseguradas a familiaridade e a compreensão do conteúdo. A resolução é a aplicação, a prática da teoria, do conteúdo estudado, compreendido e consolidado.

Acredito que nós, educadores, estamos diante do desafio urgente de ressignificar o dever e, assim, potencializar sua contribuição para o processo ensino-aprendizagem. Mas a quem cabe a responsabilidade de associar os deveres fortemente à aprendizagem, assegurando seu valor e importância acadêmica? Essa tarefa é nossa, profissionais da educação. Afinal, o processo pedagógico é competência da escola, e cuidar que os alunos aprendam é nosso compromisso. Philippe Perrenoud já nos disse que “ensinar é fazer aprender”, e completa: “o ensino sem a sua finalidade, que é a aprendizagem, não existe”. Somos nós que organizamos, definimos e propomos os deveres e exercícios. Somos nós, gestores das situações de aprendizagem, os responsáveis por administrar a progressão das aprendizagens, somos nós os profissionais da educação e, portanto, os primeiros responsáveis pelo valor, pelo lugar e pelo papel que os deveres ocupam e desempenham na vida dos nossos educandos.

Eis o nosso desafio: ressignificar e potencializar os deveres de casa para que eles efetivamente contribuam para o processo de ensino-aprendizagem e para que os alunos assumam sua vida escolar com maior protagonismo. ■

flaviab.fialho@gmail.com